



Portugal Te Marca Exposição de fotografia nos 150 anos das relações diplomáticas com o México

Pág. 2

Cinema português fora de portas

Pág. 3



Exposição em Berlim A indisciplina do olhar de Rui Calçada Bastos

Pág. 2

Mozambique Prémio Eloquência Camões 2014

Pág. 4

Fotografia Portugal Te Marca assinala 150 anos de relações diplomáticas com o México

«Promover a «marca Portugal» junto do povo mexicano e, simultaneamente, seduzi-lo, são os objetivos de duas exposições fotográficas sobre Portugal que vão assinalar os 150 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e o México.

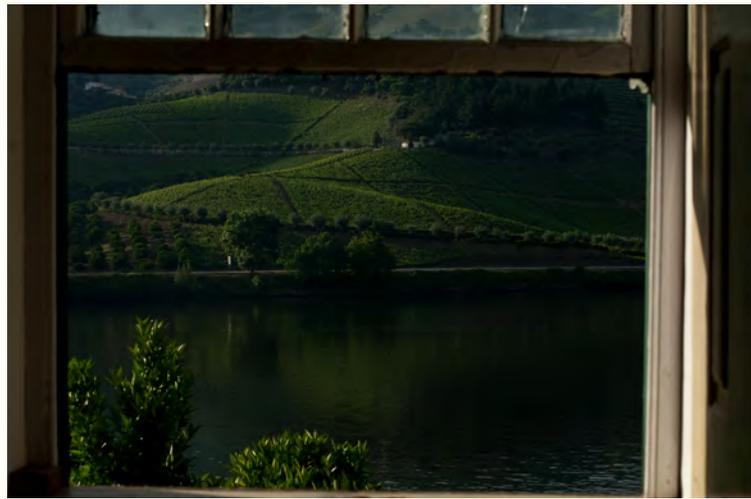
Foi em 1864, reinava em Portugal D. Luís I e no México Maximiliano I, que apresentou credenciais, como primeiro enviado extraordinário do México em Lisboa, o coronel Francisco Facio, conforme informação disponibilizada pelo Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros português. No ano seguinte, seria a vez de o Visconde de Sotto Mayor, enviado extraordinário de Portugal, apresentar credenciais junto do imperador mexicano.

As relações entre portugueses e mexicanos, essas, já vinham de trás, como foi assinalado na sessão promovida pela Cátedra José Saramago da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), em março passado, a propósito da efeméride. Foi aí dito que as relações entre Portugal e México se deram primeiro por via

da literatura e remontam ao século XVII. E foi através de ícones da literatura mexicana como Sor Juana Inés de la Cruz, Alfonso Reyes ou Otávio Paz que chegaram ao México, no século XIX, os nomes mais sonantes da literatura portuguesa.

A primeira exposição fotográfica inaugura a 20 de outubro no emblemático Paseo de la Reforma, um largo e comprido *boulevard* da Cidade do México. A segunda exposição, que constitui uma seleção da primeira, será mostrada na galeria aberta de Rejas de Chapultepec, na Cidade do México, a 8 de dezembro – para coincidir com a cimeira ibero-americana – e apresenta 75 fotografias.

Promovida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e pelo Camões IP, as exposições, com o nome *Portugal Te Marca*, têm curadoria de Catarina Ferrer (n. 1964) e, embora da primeira (constituída por 124 fotografias de 100x200 cm) saia a segunda (constituída por 75 fotografias) – que é também o acervo selecionado para o catálogo que vai ser editado –, quase se poderia dizer que estamos perante duas exposições distintas, tal os diferentes



O Douro Imaginário, Foto © Luísa Ferreira

efeitos que convocam no visitante.

Foi proposto a Catarina Ferrer, fundadora da galeria Pente 10 – a primeira galeria portuguesa dedicada exclusivamente à fotografia, conceber «uma exposição de fotografia que mostrasse o ‘melhor’ de Portugal», segundo ela própria explica: isso implicava, no seu entender, a abordagem de várias áreas como a cortiça, os vinhos, as infraestruturas e outros tópicos semelhantes, que a curadora tentou incluir «numa perspetiva diferente da habitualmente usada para promoção turística».

ABORDAGEM MAIS POÉTICA

Daqui resultou a exposição *Portugal Te Marca*, cujo nome, «além de remeter para a marca comercial que evoca a promessa de um produto, que neste caso é Portugal, remete igualmente para o verbo *marcar*, com o sentido de influenciar ou impressionar para sempre. E é basicamente esse o



Daniela Ruah (n. 1983).
Foto © Rita Barros

objetivo da exposição», afirma Catarina Ferrer, que estudou Línguas e Literaturas Modernas na Universidade de Coimbra e *Design de Interiores* na Inhbald School of Design, em Londres.

Nesta primeira apresentação de Portugal, a curadora optou pela criação de um percurso geográfico. A primeira exposição «começa em Guimarães, o ‘berço de Portugal’, passa pelo centro, pelo sul e acaba nas ilhas, Açores e Madeira. Termina com retratos de portu- gueses

ligados às mais diversas áreas, de José Saramago, Joana Carneiro a Daniela Ruah, Cristiano Ronaldo e Mourinho». Diferente é a abordagem da segunda exposição. Nesta «não surgem retratos e o alinhamento prende-se com cores, formas e ambientes. É uma abordagem mais aberta e de certa forma mais poética. Sugere mais do que mostra», adianta Catarina Ferrer, que escolheu estas fotos para o catálogo – «importante» enquanto «objeto de divulgação» e, sobretudo, «registo da exposição».

Na base deste trabalho de curadoria, que contempla também o acompanhamento da montagem das exposições, está a obra da fotógrafa independente Luísa Ferreira (n. 1961, Lisboa) com extensa criação de fotojornalismo e fotografia de arte.

Luísa Ferreira, diz, «é uma ótima fotógrafa e tem um vastíssimo acervo sobre Portugal. Quando começámos a selecionar as fotografias juntas apercebi-me de que ela já tinha fotografado tudo o que eu queria mostrar. Pareceu-me interessante ter a visão de um só fotógrafo sobre todos os aspetos do país, o que cria um discurso coerente, coeso e mais agradável para o público».

A curadora incluiu também uma fotografia de Rita Barros, um retrato da atriz Daniela Ruah, de que gosta muito, e uma fotografia de Francisco Romeiras, que tem na sua opinião «um interessante trabalho sobre forçados», do qual escolheu uma imagem. Wilson Ribeiro, com uma foto que retrata Garrett McNamara a surfar a maior onda do mundo na Nazaré, e Maurício de Abreu, com uma imagem sobre a lagoa das Sete Cidades, nos Açores, completam o elenco de autores de *Portugal Te Marca*.

Exposição em Berlim A indisciplina do olhar de Rui Calçada Bastos

«Questionar a imagem como correlato de um acontecimento» – essa é, segundo João Silvério, o propósito das obras que Rui Calçada Bastos (Lisboa, 1971) tem em exposição até 18 de outubro na Galeria Invaliden1, fundada em Berlim, em 2005, por ele próprio e por outros criadores e de cuja direção faz também parte hoje em dia o português Noé Sendas.

O curador da exposição *Passagem de Nível*, inaugurada a 4 de setembro e que tem o apoio, entre outras entidades do Camões, IP, afirma que sob aquele título, Rui Calçada Bastos expõe um conjunto que tem como motivo principal «um itinerário que se orienta pelo acaso, pelo encontro e por uma indisciplina do olhar, que não se

cumprir num ponto de chegada». Rui Calçada Bastos, acrescenta, «tem vindo a desenvolver uma multiplicidade de abordagens que se propõem questionar a imagem como correlato de um acontecimento, ou como registo de uma determinada realidade identificada e nomeada».

Esta abordagem «em campo aberto», que é como a descreve João Silvério – curador da coleção de arte da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) e atual vice-presidente da AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte)/Seção Portuguesa – aproxima-nos de «uma certa absurdidade que reconhecemos em elementos do nosso quotidiano

que apelam a uma certa disfuncionalidade». Dá como exemplo a fotografia *Untitled*, «cuja linha interrompida reconhecemos como um separador de estrada, acidentalmente pintado de uma forma irregular».

Por outro lado, refere ainda João Silvério, «Calçada Bastos retoma

temas e contextos da sua obra para reencontrar transições poéticas e sociopolíticas que nos confrontam com esse itinerário infinito, no sentido em que cada imagem revela um sintoma de ausência e de valorização de um determinado objeto».

O artista foca-se «nos movimentos desordenados das coisas do

mundo sem, no entanto, procurar uma resposta ou uma finalidade nelas próprias. É, na obra de Rui Calçada Bastos, uma indisciplina focada em encontrar novamente itinerários e caminhos que, assim, alcançam um novo nível do olhar».

Rui Calçada Bastos estudou pintura nas Escolas de Belas Artes do Porto e de Lisboa.

Após uma residência artística em Paris, na Cité International des Arts, mudou-se para Berlim em 2002, com uma residência na Künstlerhaus Bethanien. É na capital alemã que vive e trabalha regularmente.

Em 2004, o artista plástico português recebeu um prémio do Senado de Berlim e, em 2005, ano da criação da Invaliden 1 Gallerie, foi indicado para o Prémio da União Latina. Em 2006 recebeu uma bolsa da Fundação Marcelino Botin, de Espanha, e em 2008 foi para Xangai para desenvolver o seu trabalho fotográfico com uma bolsa da Fundação Oriente. Em 2011 foi nomeado para a residência artística Vila Aurora, em Los Angeles, EUA.



Exposição Passagem de Nível, Rui Calçada Bastos. Galeria Invaliden.1 Berlim

O cinema português continua a despertar interesse fora de portas, muito em razão da sua peculiaridade. Na *rentrée* de 2014, Argentina, Coreia do Sul, Israel e Namíbia são alguns dos cenários onde o cinema português mostra o seu trabalho mais recente ou mais antigo.

Argentina Obra de Joaquim Pinto na 2ª semana do Cinema Português no Malba

■ Pelo segundo ano consecutivo, a produtora e distribuidora audiovisual 'Vaivem', constituída por duas portuguesas, Maria João Machado e a Susana Santos Rodrigues, e um argentino, Francisco Lezama, organiza de 2 a 5 de outubro a 2da Semana de Cine Português em Buenos Aires, no prestigiado Malba Cine, com o apoio do Camões, IP, e da Embaixada de Portugal.

«É surpreendente» o reconhecimento que existe na Argentina sobre o cinema português, diz a Maria João Machado. Nesse «país de cinéfilos», «há um público geral que vai imenso ao cinema» e que pode encher uma sala para ver um filme português. A 1ª edição da Semana de Cine Português, em 2013, teve aliás «muito boa afluência de público, um grande destaque nos meios de comunicação e excelentes críticas aos filmes.

«Entre o público cinéfilo (que assiste anualmente ao *Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente* - BAFICI), toda a gente conhece o [Manoel] Oliveira, o [Pedro] Costa, o [João] Canijo, o [Miguel] Gomes, o [João Pedro] Rodrigues, mas também a [Teresa] Villaverde, a [Rita] Azevedo Gomes, o [Joaquim] Pinto, o [Sandro] Aguilar, o [João] Salaviza, entre muito outros. E os realizadores que não se conhecem, pelo simples facto de serem portugueses, já criam, à partida, curiosidade e atenção. O público em geral toma o cinema luso como cinema 'europeu' de qualidade, ao mesmo nível do cinema francês, por exemplo.»

Além disso, o Malba Cine - uma sala do Museo de Arte Contemporânea Latinoamericana de Buenos Aires - tem, em geral, um público informado e atraído pelo cinema de autor e pela sua programação de qualidade «sem comparação com a de qualquer outra sala do mesmo estilo em Buenos Aires».

Com um orçamento apertado, os produtores da semana prometem para este ano uma programação organizada em três eixos, que apresentam em comum «o mesmo espírito subversivo» e a dominante do documentário.

TRÊS EIXOS

O primeiro eixo é uma homenagem aos 40 anos da Revolução de 25 de



48, de Susana Sousa Dias

abril de 1974, em que são visionados 48 (2009), de Susana de Sousa Dias, *Mudar de Vida*, *José Mário Branco*, *Vida e Obra* (2014), de Nelson Guerreiro e Pedro Fidalgo, *Outro País* (1999), de Sérgio Tréfaut, e *Terra de Ninguém* (2012), de Salomé Lamas. «Aqui há uma ideia bastante romântica do que foi a 'revolución de los claveles'... e quem nunca ouviu falar vai com certeza gostar de saber um pouco mais da história de Portugal através da sua cinematografia».

O segundo eixo é dedicado a Joaquim Pinto, e nele é apresentado a primeira obra do realizador, *Uma Pedra no Bolso* (1988), graças à colaboração da Cinemateca Portuguesa e da Embaixada de Portugal. Segue-se a sua mais recente longa-metragem, *o Evangelho Segundo São João* (2013), dirigida juntamente com Nuno Leonel, e o filme *E Agora? Lembra-me* (2013), estreado em sala em Lisboa, em agosto passado. É grande a expectativa dos organizadores da semana em relação a Joaquim Pinto, «que vem de um ano incrível», segundo Maria João Machado. Esperam que o realizador português desperte «um especial interesse entre os cinéfilos».

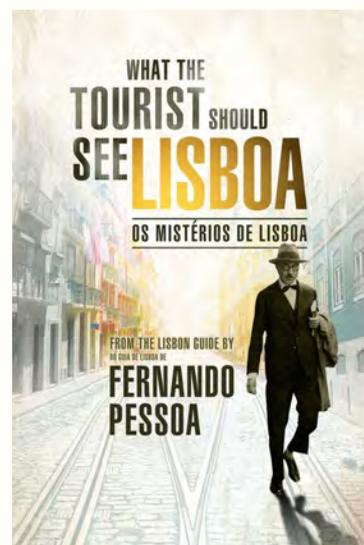
No terceiro eixo, intitulado Panorama, é apresentado um conjunto de películas que funciona precisamente como um «panorama da produção contemporânea» portuguesa. É assim que surgem *Lacrau* (2013), de João Vladimiro, *A Vida Invisível* (2013), de Vitor Gonçalves, *Até Ver a Luz* (2013), de Basil da

Cunha, *A Mãe e o Mar* (2013), de Gonçalo Tocha, *É o Amor* (2013), de João Canijo, e *Tabu* (2012), de Miguel Gomes. Os produtores da semana esperam que este eixo, em que serão vistos filmes de alguns de realizadores jovens ou com filmes inéditos na Argentina, atraia «um público muito heterogéneo porque a atitude geral é de arriscar, 'se não conheço, quero conhecer'».

Depois da 2da Semana de Cine Português em el Malba, à imagem do que fez no ano passado com o filme *Ne Change Rien*, de Pedro Costa, a 'Vaivem' vai estreitar comercialmente o filme *E agora? Lembra-me*, de Joaquim Pinto. «Queremos contribuir para que o cinema português possa estreitar numa sala de cinema, fora do contexto de uma mostra específica ou de um festival» e criar «um espaço dedicado à cinematografia lusa nas salas de cinema de autor, não só na capital, Buenos Aires, mas também nas principais cidades do interior do país, Córdoba e Rosario», tal como em 2013.

Em 2015, além da 3ª Semana em Buenos Aires, a produtora quer organizar a 1ª Semana de Cinema Argentino no Cinema S. Jorge.

X Semana do Cinema Português em Israel



A versão narrada em língua inglesa pelo ator norte-americano Peter Coyote do documentário de José

Fonseca e Costa *Os Mistérios de Lisboa ou What The Tourist Should See* (Portugal, 2009), baseado no livro *A Lisbon Guide - What The Tourist Should See*, escrito em inglês por Fernando Pessoa em 1925, foi o filme de abertura da X edição da Semana de Cinema Português - PORTUGAL Film Week #10 em Israel.

Fonseca e Costa teve presença marcada nas sessões de abertura do ciclo dedicado à cidade de Lisboa, de 7 a 9 de setembro, nas cinematecas de Telavive, Jerusalém e Haifa, numa iniciativa destas entidades com a Embaixada de Portugal, com o patrocínio, entre outros, do Camões, IP, e do Turismo de Lisboa.

Desde 2004 que esta iniciativa tem contribuído para divulgar o cinema português junto dos israelitas, com a apresentação regular de filmes pelos seus mais conhecidos realizadores. Nestes dez anos, o número de filmes portugueses exibidos em Israel ronda as oito dezenas.

Os seis filmes escolhidos foram produzidos e realizados na capital portuguesa - recentemente galardoados com vários prémios internacionais na área do turismo - e têm a cidade não apenas como pano de fundo, mas também como parte do guião.

Para além do filme de Fonseca e Costa, o público israelita poderá ver *Quinze Pontos na Alma* (2011), de Vicente Alves do Ó, *A Bela e o Paparazzo* (2010), de António-Pedro Vasconcelos, *O Mistério da Estrada de Sintra* (2007), de Jorge Paixão da Costa, *Alice* (2005), de Marco Martins, e *Night Train to Lisbon* (2013), de Bille August, todos eles, à exceção do último, nas suas versões originais em português (com diálogos ocasionais noutros idiomas) e legendas em hebraico e em inglês.

O Cônsul de Bordéus no Festival de Cinema EUNIC da Namíbia



Aristides Sousa Mendes foi o 'herói' português celebrado na 3ª edição do Festival de Cinema Europeu EUNIC que hoje termina em Windhoek, na Namíbia. 'Celebrando os Heróis' foi o tema do programa do festival, que reuniu filmes de 14 países, e em que Portugal esteve representado, com o apoio do Camões, IP, pela conhecida película *O Cônsul de Bordéus* (2012), rodada por Francisco Manso e João Correia e inspirada na vida e obra de Aristides de Sousa Mendes.

A longa-metragem evoca a coragem do diplomata português residente em França que, à revelia do Estado Novo, salvou milhares de vidas ao atribuir cerca de trinta mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime nazi ocupante em 1940.

O filme finlandês *21 Maneiras de Arruinar um Casamento* abriu a 10 de setembro o festival, em que foram exibidas 15 obras, incluindo *O Cônsul de Bordéus*, projetado a 14 de setembro no auditório do Centro de Língua Portuguesa *Diogo Cão*.

O evento foi divulgado através dos *media* locais, nomeadamente da televisão NBC, com a participação da Coordenadora Adjunta do Ensino Português na Namíbia (Rede EPE/ Camões IP), Carla Pereira, no programa *Good Morning Namíbia*.

Retrospectiva sobre Edgar Pêra no Festival de Cinema de Seul



O realizador português Edgar Pêra esteve presente na 11ª edição do Festival de Cinema e Vídeo Experimental de Seul (EXis), no âmbito de uma retrospectiva sobre a sua obra realizada com o apoio do Camões, IP, e que surgiu integrada na programação deste certame, realizado de 29 de agosto a 4 de setembro de 2014.

Nas salas do Korea Film Archive e do Museum of Modern and Contemporary Art foram exibidos 11 filmes de Edgar Pêra, dando resposta ao interesse suscitado pelas participações anteriores do cineasta português no Festival Intenacional de Cinema de Busan.

As longas-metragens *A Janela* e *O Barão* foram complementadas por dois programas especiais, dedicados às médias e curtas-metragens do autor, numa escolha representativa do percurso criativo de Edgar Pêra.

Entre as curtas-metragens, destacou-se a primeira exibição na Coreia do Sul de *One way or another (Reflections of a psycho killer)*, filme rodado no ano de 2012, em Busan, e interpretado por um ator coreano.

Nascido em Lisboa em 1960, Edgar Pêra iniciou a sua carreira de realizador em 1988, sendo autor de uma filmografia internacionalmente reconhecida e premiada. No Festival de Seul participou em sessões de diálogo com o público, após projeção dos seus filmes.

Centro Virtual Camões Didática do Português Língua de Herança – novo curso a distância

Até 9 de outubro estão abertas as inscrições para o 1º semestre dos cursos da plataforma de ensino a distância do Centro Virtual Camões (CVC), que apresenta na sua oferta formativa pela primeira vez 'Didática do Português Língua de Herança'.

Este novo curso pretende disponibilizar, em primeiro lugar aos professores da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE), formação num domínio em que, apesar da «atualidade nos discursos de Política Linguística, nomeadamente do Conselho da Europa», ainda não se encontra suficientemente disseminada.

Veiculando a aprendizagem do português no estrangeiro junto das comunidades representações associadas à Língua de Herança, torna-se fundamental, de acordo com a professora universitária Sílvia Melo-Pfeifer, a investigadora que desenvolveu o curso, «associar a um conhecimento teórico sobre o conceito de Língua de Herança o desenvolvimento de competências pragmáticas para agir em contextos educativos (currículos extraescolares, currículos bilingues, contextos informais como as associações de imigrantes,...)».

São, pois, objetivos desta oficina de formação, entre outros, contribuir para o «desenvolvimento de competências pedagógico didáticas e investigativas que permitam ao professor» compreender o conceito de Língua de Herança, em contraste com as línguas Materna, Estrangeira e Segunda, bem como as suas implicações psicolinguísticas e didáticas, e «intervir adequadamente no seu contexto educativo».

Os cursos oferecidos pelo CVC agrupam-se em quatro grandes áreas: cursos de português para fins específicos, cursos de português para estrangeiros, cursos de especialização (creditados com ECTS – Sistema Europeu de Acumulação e Transferência de Créditos) e cursos de formação contínua de professores.

Mais informação em <http://cvc.instituto-camoes.pt/>.



ANTÓNIO FONSECA. FOTO JÓÃO FERRETO

Brasil Os Lusíadas integrais no Festival MIRADA

O projecto português do ator António Fonseca, *Os Lusíadas em Viagem*, integrou a programação da 3ª edição do MIRADA – Festival Ibero-Americano de Artes Cénicas de Santos, no Brasil, entre 4 e 13 de setembro.

Os Lusíadas em Viagem, produzido pela Sul – Associação Cultural e Artística, surge na continuação e desenvolvimento do projeto do ator que, em 2008, decidiu decorar integralmente o texto de Camões, e, em 2012, estreou, na Capital Europeia da Cultura, em Guimarães, o espetáculo *Os Lusíadas*, dizendo o poema do primeiro ao último Canto, segundo uma nota da associação.

Depois de várias apresentações em Portugal, o projeto fez agora a sua primeira itinerância internacional, apoiado nomeadamente pelo Camões, IP, com uma residência durante as duas semanas do festival brasileiro, em que participaram 14 companhias brasileiras e 25 internacionais, que se apresentaram em diversos espaços de Santos e dos seus arredores.

A participação no MIRADA incluiu a apresentação do espetáculo integral *Falação d'Os Lusíadas* e a realização de uma oficina formativa e de criação que pretendeu aproximar o público brasileiro da obra de Camões e, também, preparar um coro que integrou depois o espetáculo, acompanhando António Fonseca em palco para dizer o Canto X.

No âmbito desta oficina, coordenada por António Fonseca e pelo dramaturgo Jorge Loureiro, foi exibido o documentário *8816 versos*, de Sofia Marques, que registou a aventura do ator ao longo de mais de um ano até à estreia do projeto em Guimarães, em 2012.

A *Falação d'Os Lusíadas* é normalmente apresentada num só dia, de manhã à noite, numa sala de teatro. Cada uma das dez partes em que se divide o poema de Camões dura 50 minutos, aproximadamente. António Fonseca diz *Os Lusíadas* a solo durante nove Cantos, mas no último Canto é acompanhado por 50 a 100 pessoas da cidade onde se apresenta. Para o MIRADA, a *Falação* foi adaptada ao espaço do Clube Português de Santos. Os dez Cantos foram falados nesse espaço, ao longo de três dias.

Moçambique Prémio Eloquência Camões 2014



Finalistas do Prémio Eloquência Camões 2014

Três alunos da Escola Secundária Gruveta Massimbo, em Maputo, foram os vencedores da 12.ª edição do Prémio Eloquência Camões que premeia as melhores apresentações de textos produzidos por estudantes do Ensino Secundário Geral de Moçambique.

«Os textos e as apresentações tiveram muita qualidade e as escolas aderiram ao espírito de competição», afirmou Alexandra Pinho,

responsável do Camões – Centro Cultural Português em Maputo, entidade promotora do concurso com o apoio da Plural Editores e a colaboração do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa.

Nora André Nhantumbo, Ibrahim Abdul Nasser Aly e Helena Costa Langa, foram por esta ordem premiados pelo júri do concurso, que atribuiu ainda, «dada a excelente qualidade dos textos argumen-

tativos e das apresentações», duas menções honrosas a Maria Antónia Saia Fernandes (Escola Secundária Francisco Manyanga) e Marcela Agostinho Mondlane (Escola Secundária de Laulane).

Assistiram à final, ocorrida a 22 de agosto nas instalações do Centro Cultural Português, cerca de 90 professores, encarregados de educação e alunos das escolas secundárias Bonifácio Gruveta Massimbo, Francisco Manyanga, Laulane, Quisse Mavota e Lhanguene.

O júri foi constituído José António Marques, formador do Camões, IP, na Universidade Pedagógica de Moçambique, Ana Magaia, atriz, e Lurdes Rodrigues, representante do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa.

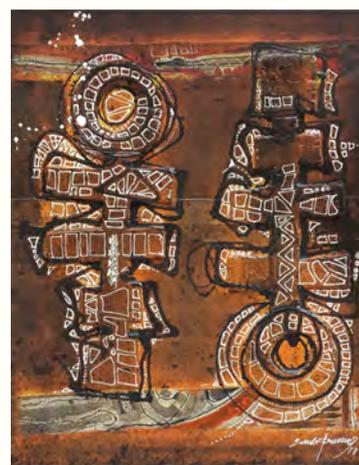
As escolas concorrentes promoveram, previamente, um concurso interno com intuito de selecionar os seis melhores trabalhos para a fase final do prémio. O júri selecionou depois 12 estudantes para a fase final, que consistiu numa oficina de oralidade, orientada pela atriz e formadora Ana Magaia. Na final, os alunos finalistas disputaram os três primeiros lugares.

Os vencedores receberam livros em língua portuguesa e um valor pecuniário simbólico. As escolas participantes, por seu lado, receberam um *Dicionário Prestígio da Língua Portuguesa* para as suas bibliotecas, tendo também sido feita a entrega a cada docente de português, com alunos finalistas, de um exemplar de *Metodologia da Língua Portuguesa* e de *Compêndio de Gramática Portuguesa*.

Angola A «tremenda modernidade» Tchokwe na obra de Paulo Amaral

Uma viagem inspirada na cultura dos povos Tchokwe ou Tucokwe das Lundas, no nordeste de Angola, designadamente nos seus desenhos de areia, denominados *sona*, que na língua tchokwe significa 'letra', foi a proposta que esteve patente no Centro Cultural Português/Camões, IP, de Luanda, entre 3 e 12 de setembro com a exposição do artista plástico angolano Paulo Amaral.

A mostra, intitulada *Raízes*, contou com 18 obras em técnica mista de óleo, acrílico e colagens sobre tela, na sua grande maioria originais, que integram uma coleção mais vasta do artista, denominada *Simbologando*, resultado de um trabalho de investigação sobre a cultura Tucokwe, alicerçado em visitas e estudo de obras de vários autores, designadamente de Mário Fontinha e José Redinha.



A exposição procurou realçar a rica diversidade da cultura Tchokwe, em particular, alguns símbolos, que lhe são característicos. «Tento frasear com a cor e os traços o que por palavras não me expresse tão bem, buscando a expressividade ao máximo, tateando o mundo que me rodeia», disse o artista plástico angolano.

O *sona* era um jogo entre jovens e adultos, que terá sido o primeiro modo de escrita descoberto por aqueles povos. Só dominavam o *sona* as pessoas cultas, que reunissem experiência e conhecimento, segundo uma nota sobre a exposição.

Sobre *Raízes*, António Ole – um dos mais importantes artistas plásticos contemporâneos de Angola – afirmou que se percebeu «o esforço de Paulo Amaral em descodificar sinais vindos da tradição das inscrições enigmáticas que povoam as nossas grutas rupestres no Ebo e que são, por vezes, de uma tremenda modernidade».

Paulo Amaral nasceu e estudou em Luanda. «Foi desenhador de projetos de arquitetura, e músico. Em 1988, descobriu o sentido das cores e iniciou o seu percurso como pintor, utilizando tinta-da-china sobre papel cavalinho, que marcou o seu traço particular, que perdura até aos dias de hoje».



Camões, IP

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Paula Saraiva
COLABORAÇÃO Carlos Lobato